

Acervo  
ISA  
12621  
114175

CLR00003

MANCHETE

Nº 1026

18-12-71

# Um sertanista, amigo dos cintas-largas, foi trucidado quando ia denunciar um massacre Traição dos índios ou crime de brancos?

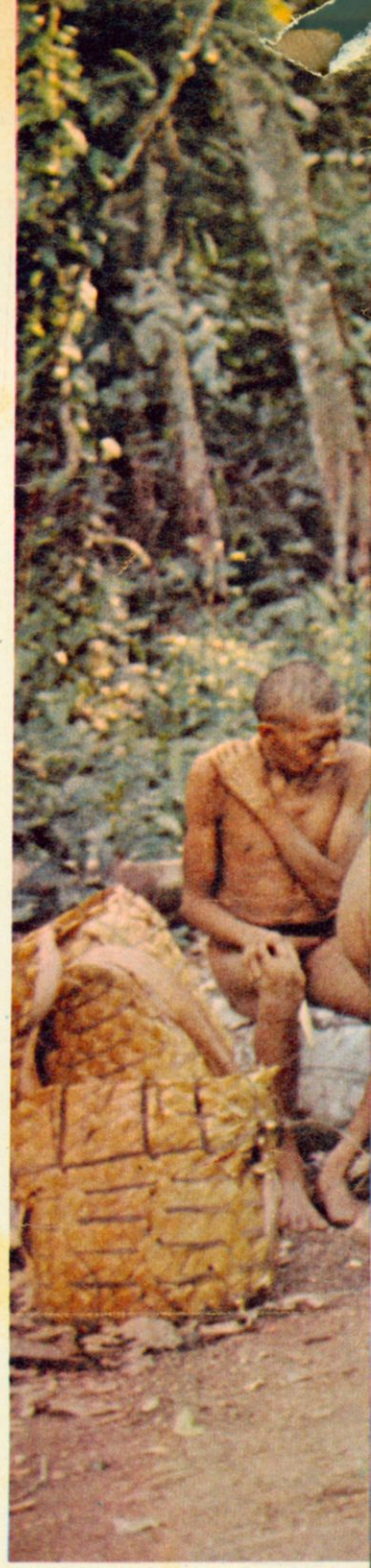


**A** morte do sertanista e homem de imprensa Possidônio Bastos, nas selvas de Rondônia, a flechadas e tiros, abalou os que se entregam à perigosa tarefa de pacificação das tribos ainda selvagens e arredias do Oeste brasileiro. Uma empresa de venda de terras, que se diz "verbalmente" autorizada a dispor de glebas na área reservada aos índios, teria atraído, com suas atividades, o ataque destes, em represália à invasão de seus domínios. Mas surgem rumores de que o sertanista teria sido eliminado, não por índios, mas por homens brancos, por saber demais sobre atividades criminosas ali desenvolvidas. Segundo tais rumores, Possidônio Bastos teria reunido documentação fotográfica do morticínio de índios, no Parque Indígena de Aripuanã, onde vivem os suruí, os bocas-negras e os cintas-largas. Antes que denunciasse o massacre, Possidônio desapareceu e, muitos dias depois, o seu cadáver foi encontrado à margem esquerda do rio Roosevelt. As primeiras notícias atribuíam aos cintas-largas o ataque ao subposto da Funai (Fundação Nacional do Índio), com o sequestro do radioperador Acrísio de Lima e de uma cozinheira Funai (Fundação Nacional do Índio), desaparecidos, e o trucidamento de Possidônio Bastos.

SEGUE

**Reportagem de**  
**ANTÔNIO PRAXEDES**  
**Fotos da Equipe de**  
**APOENA MEIRELES**

Em sua última foto, o jornalista e sertanista Possidônio Bastos aparece, no Posto Roosevelt, com o irmão do chefe Noara, da tribo dos cintas-largas.



Estas fotos mostram contatos que tiveram Possidônio Bastos



# ASSASSINATO NA SELVA

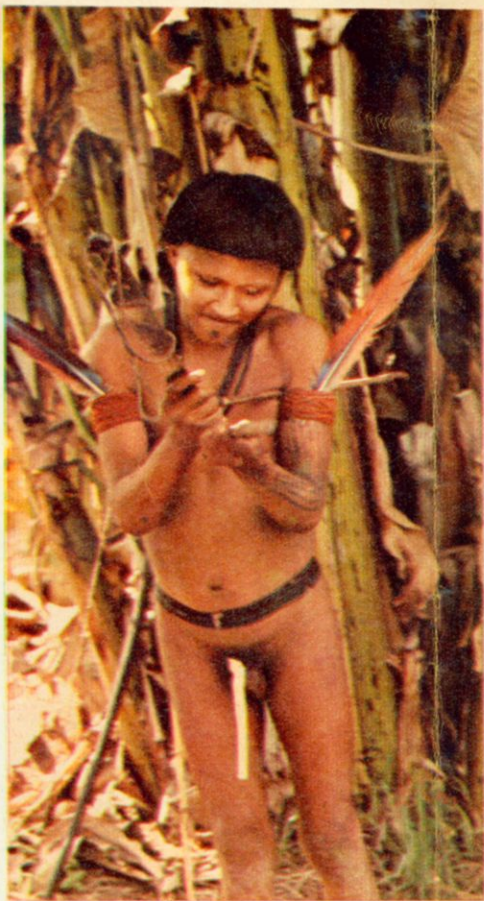




do grupo do sertanista Apoena Meireles com índios caçadores e guerreiros na aldeia dos cintas-largas, visitada pela primeira vez. Os índios consideram Apoena. No corpo do jornalista, encontrado na margem esquerda do rio Roosevelt, alvejado pelas costas, havia duas setas e balas.







Em cima, um cinta-larga toca iatira (espécie de flauta). Alvaro de Paula, único sobrevivente da Missão Calleri, com o chefe Noara (ao centro) e o Posto Sete de Setembro, da Funai, perto do Posto Roosevelt.

## O loteamento de terras da União irrita cada vez mais os índios

**P**OUCO antes, o representante do INCRA, em Rondônia, fora informado pelo guarda-rural Célio Pereira Cardoso da irritação dos cintas-largas com a continuada invasão de seu território, por numerosos colonos atraídos pela empresa territorial Itaporanga. O operador de máquinas dessa empresa, Luís Rodrigues de Freitas, testemunhou que a Itaporanga, em plena expansão, já beirava uma das aldeias dos cintas-largas. E novas famílias iriam chegar, em março. Muitos índios já haviam morrido, em consequência de moléstias transmitidas pelos colonos. E se viam obrigados a mudar de local, indo viver em terrenos pantanosos. Um dos donos da Itaporanga, Nilo Tranquilo Melhorança, diz que a empresa foi autorizada, verbalmente, pelo ex-governador de Rondônia, Carlos Mader, a "ocupar terras devolutas pertencentes à União", a demarcar glebas e, para isso, abrir picadas e construir pontes. Nessa região, compreendida entre os Estados de Mato Grosso, Amazonas e Território de Rondônia, vive um grande grupo indígena do tronco linguístico tupi, chamado Cauaibe. Entre as suas tribos, destaca-se a dos cintas-largas, que vive nas áreas banhadas pelos rios Juruá-Mirim, Juruena e Aripuanã. Desde 1962, foram tentados contatos com os cintas-largas. Disso incumbiu-se o Padre João Donständer, da Missão Anchieta. Em 1968, o governo federal criou o Parque Indígena do Aripuanã, para essa tribo e as dos suruí e gaviões. E o sertanista Francisco Meireles ali passou a atuar, por decisão da Funai,

**O**S primeiros contatos pacíficos deste sertanista com os cintas-largas ocorreram em junho de 1969. A responsabilidade dos trabalhos passou depois para seu filho, o sertanista Apoena Meireles. Para facilitar os trabalhos foram instalados naquela área três postos indígenas: Sete de Setembro (sede do Parque Indígena do Aripuanã), Roosevelt e Serra Morena, além do entreposto de

Riozinho, à margem da Rodovia BR-364. Pouco se sabe, por enquanto, sobre a organização política e social, ou sobre suas crenças dos cintas-largas, assim chamados por usarem na altura da cintura uma larga faixa de entrecasca de árvore. É que eles não estão ainda em condições de serem visitados pelos antropólogos.

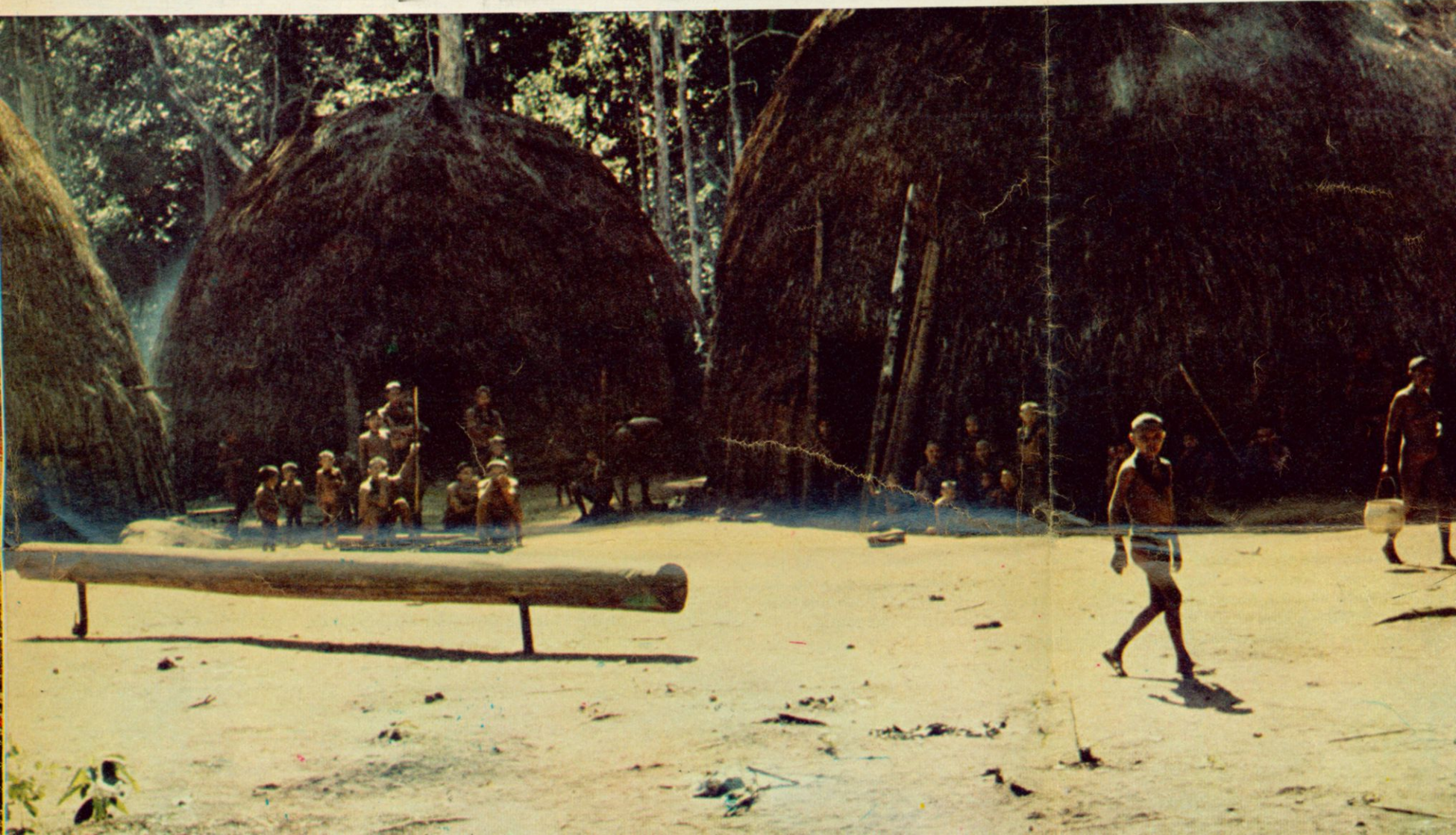
Ao conseguir que aquela área fosse interdita para a preservação do habitat dos indígenas, a Funai se baseara no Artigo 198 da Constituição Federal: "As terras habitadas pelos silvícolas são inalienáveis nos termos que a lei federal determinar, a eles cabendo a sua posse permanente e ficando reconhecido o seu direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nelas existente." A lei magna, em defesa dos indígenas, não permite sequer indenização por ocupação anterior à lei. Diz, em seus dois parágrafos do mesmo artigo: "Ficam declaradas a nulidade e a extinção dos efeitos jurídicos de qualquer natureza que tenham por objeto o domínio, a posse ou a ocupação das terras habitadas pelos silvícolas." E mais: "A nulidade e extinção de que trata o parágrafo anterior não dá aos ocupantes direito a qualquer ação ou indenização contra a União e a Fundação Nacional do Índio."

**C**ONTUDO, de julho de 1968 até agora, têm sido infrutíferos os esforços da Funai e do INCRA para retirar os colonos das terras dos indígenas. Isso só vale no papel. O General Bandeira de Melo, presidente da Funai, não esconde sua frustração: — Por diversas vezes a Fundação Nacional do Índio solicitou o apoio das autoridades do Território de Rondônia, do Quinto Batalhão de Engenharia e Construção do Exército, sediado em Porto Velho, e da Polícia Federal, para retirar da área do Parque Indígena do Aripuanã, grande número de invasores, visando sempre a evitar um conflito entre índios e civilizados, cujas consequências poderiam ser bastante prejudiciais aos trabalhos de pacificação em curso. Ultimamente, a Funai vinha mantendo esforços para retirar da área do parque grileiros de uma companhia de colonização, que causavam sérios transtornos aos trabalhos de atração desenvolvidos junto aos cintas-largas. De nada valeram entretanto os apelos da Funai e das autoridades para evitar a entrada de estranhos no Parque do Aripuanã e suas imediações.

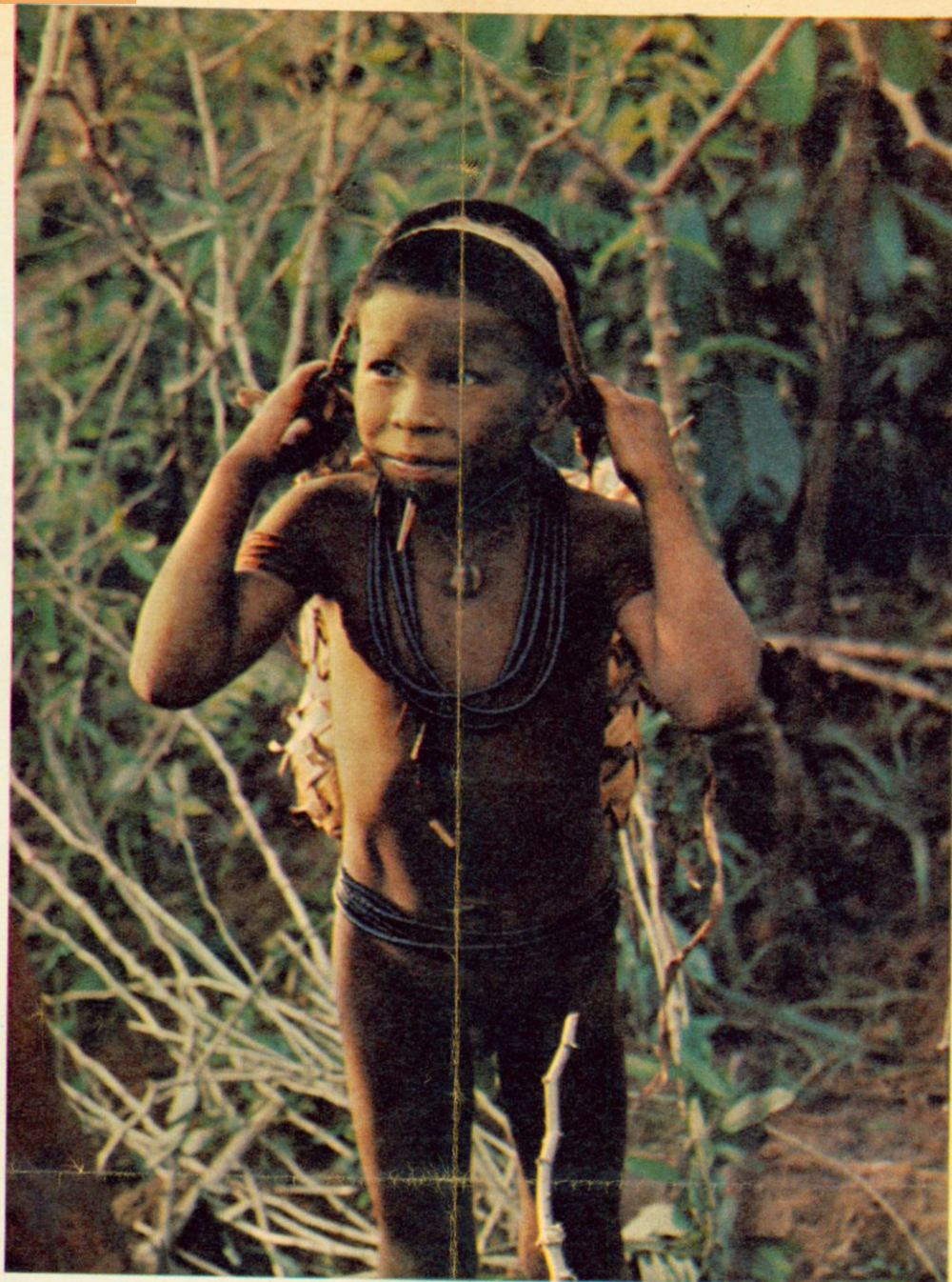
SEGUE

Vista aérea da aldeia dos cintas-largas, chefiada pelo guerreiro Noara. O local, com 20 a 30 casas (embaixo), foi visitada após dois anos de pacientes trabalhos.









## Para os grileiros das terras dos índios, a Constituição e as leis são simples farrapos de papel

**A** atitude das empresas de colonização e os movimentos espontâneos de centenas de colonos, obstinados em continuar a ocupar área interdita ou habitada por índios, contra as determinações da Funai e do INCRA, passaram a irritar os cintas-largas que, de forma alguma, desejavam ver suas terras invadidas pelos brancos. Segundo o Capitão Sílvio Gonçalves de Faria, a colonizadora Itaporanga já loteou cerca de 800 mil hectares, sendo que dentro da área do parque há um grupo denominado Gotard Ferraz, com 14 glebas de dois mil hectares. Na margem esquerda do rio Roosevelt, a família Santini ocupou cerca de 14 mil hectares. Revela aquele militar que tudo já se fez contra a colonizadora, chegando a apresentar queixa-crime ao procurador-regional da República, em Rondônia. O INCRA, agindo de acordo com a Funai, tem sistematicamente indeferido os requerimentos da colonizadora, que já chegam a 179, pedindo a legalização das terras aos colonos por ela levados à região proibida.

**N**O último destes, a colonizadora, que tem sede em Cuiabá, Mato Grosso, faz as seguintes considerações, entre outras:

Foi verbalmente autorizada, em fevereiro de 1966, pelo então governador de Rondônia, Sr. Carlos Mader, a ocupar terras devolutas pertencentes à União, para demarcar glebas. E que em face disso, abriu picadas, construiu estradas e pontes.

Na época do início das operações, consultou o então Serviço de Proteção aos Índios, recebendo a informação de que, dentro do Território de Rondônia, não havia problema com índio.

Em vista de um choque entre índios e garimpeiros, no rio Aripuanã, a Funai obteve, pelo Decreto n.º 62.995, de 16 de julho de 1968, a interdição, para pacificação dos cintas-largas, na área que abrangia a margem direita do rio Roosevelt, dos projetos de derrubada da colonizadora, que afastou seus homens para a margem esquerda do referido rio. Depois, a Funai,



O indiozinho Quina, com um cesto de mandioca às costas (em cima) e os jovens guerreiros Tocanine e Pascanine, recebendo doce de batata de um filho de colono instalado na área. Muitos índios têm morrido em consequência das moléstias transmitidas pelos novos habitantes da região. E outros estão chegando ao oeste selvagem, num afluxo cada vez maior.





constatando a presença de índios também na margem esquerda do Roosevelt — onde construíra um posto de atração e um campo de aviação — enviou aviso à colonizadora para que retirasse seus colonizadores da área, no prazo de 30 dias. Mas a empresa alega que os cintas-largas não habitam a região do campo de aviação, onde só chegam depois de dez dias de marcha, partindo do Aripuanã para pedir auxílios alimentícios à Funai. Alega que os índios suruí também não são de Rondônia e sim de Mato Grosso, não havendo choque entre eles e colonos. Acrescenta que **“não há índios na região e não há que falar em pacificação, o que torna inepto o decreto que criou o parque indígena”**. E que o ofício em que a Funai ordena a retirada dos colonos em trinta dias **“não tem razão de ser”**.

Depois de outras considerações, a colonizadora requereu do INCRA os títulos necessários à permanência dos colonos na área que a Funai assegura pertencer aos índios. Mas sugere que, caso a Funai não permita mesmo, que o INCRA confira aos referidos colonos terras de igual área e qualidade no território de Rondônia, pagando as benfeitorias nas glebas que atualmente ocupar.

**C**OM uma população estimada de cinco mil índios, espalhados por 21 aldeias, os cintas-largas constituem uma das maiores populações indígenas ainda arredias no Brasil. Mantendo-se hostis aos civilizados, os cintas-largas só em outubro último, após mais de dois anos de trocas de presentes, permitiram a alguns funcionários da equipe de Apoena Meireles, entre os quais o jornalista Possidônio Bastos, a ida às suas aldeias. Eles estiveram na do chefe Noara, apontado, nas primeiras notícias, como suspeito de ter comandado o ataque ao Subposto Roosevelt.

— Possidônio nunca julgava os outros pelas aparências. Estava sempre pronto a novas experiências, que enriquecessem a sua vida de jornalista. Era jovial, conversador, sorridente, de cabelos encaracolados, barba quase sempre por fazer, baixo e gordinho — diz Vicente Limongi Neto, seu companheiro da sucursal de **O Globo** em Brasília. — Ele não aparentava ter apenas 23 anos quando o conheci.

Um velho guerreiro cinta-larga e seu neto. As suspeitas recaíram sobre esses índios, mas agora surgem rumores de que o trucidamento de Possidônio foi obra de brancos.





Uma das últimas fotos de Possidônio Bastos, tirada no Parque Indígena do Aripuanã, onde se cercara de muitas simpatias. Embaixo, uma família indígena em visita ao rancho do Posto Sete de Setembro, perto do rio Roosevelt.



## Possidônio rompeu com a esposa para ir ao encontro da morte

**T**INHA grande tirocínio profissional e dirigia com eficiência os repórteres da sucursal. Pernambucano do Recife e torcedor do Botafogo, apreciava bons livros, era exigente no serviço, gostava de valorizar o trabalho de seus companheiros, mas fazia cara feia quando os assuntos não eram bem explorados. Levado por um ideal, largou tudo e foi conviver com os índios. Quando se falava nestes, seus olhos brilhavam. Dizia: "O indígena precisa ser compreendido em seu estado puro. Nada de trazê-lo à civilização." Outro colega de Possidônio, o jornalista André Gustavo, diz:

— Conheci-o numa viagem que fizemos em novembro de 1969 para observar manobras militares — uma guerra simulada — realizada pelo Exército ao norte do Território de Roraima. Durante a Operação Atroaris, além do movimento de tropas e armamentos, restou tempo para um contato tranquilo com algumas aldeias de índios. Entre elas, conversamos em meio de viagem com os padres responsáveis pelos índios tiriós, ao norte do Pará, junto à fronteira com o Surinã. Mais tarde, vim encontrá-lo em Brasília. Já, nessa época, sonhava viver entre os índios.

**S**EU objetivo era fazer o curso da Funai, que lhe daria segurança no trato com eles. Reiterados pedidos para que ficasse abalaram um pouco a sua convicção, mas não o ideal. E uma tarde me disse: "Vou-me embora na segunda-feira. Aqui não fico mais." Passava, naquele momento, sua esposa, Loreta, uma espanhola, que mostrava profundas olheiras e uma indignação fora do comum. Antes que ela se aproximasse, ele me segredou: "Ela está furiosa comigo e não quer ir. Passa os dias chorando. Mas eu vou..." Ficou na minha lembrança a imagem de um pernambucano obstinado, sério e de um desprendimento a toda prova.